

# FOGUETÃO

SEMANÁRIO JUVENIL PARA O ANO 2000



## O PLANETA DESCONHECIDO



BOM! VAMOS DESCARREGAR AS NOSSAS COISAS!

VEJA, CAPITÃO! PASSAROS GIGANTES!

PARE-CEM AVIÕES! VÊM PARA AQUI!  
SÃO VERDADEIROS MONSTROS!

APESAR DAS ARMAS DE QUE DISPUNHAM, OS EXPLORADORES VIRAM EM BREVE A SUA RESISTÊNCIA DOMINADA PELOS PASSAROS GIGANTES...

MINUTOS DEPOIS... NÃO DISPARES, FOGUETE, OU ELES PODEM LARGAR-NOS!

PARECE QUE CHEGAMOS AO NOSSO DESTINO!

FOGUETE! RESPONDE...  
CLONK

QUEM ERA AQUELE, ESTRANHO POVO HABITANTE DE TERRA 2? QUE NOVAS SURPRESAS ESTARÃO RESERVADAS AO CAPITÃO MARTE E AOS SEUS BRAVOS COMPANHEIROS?

CONTINUA

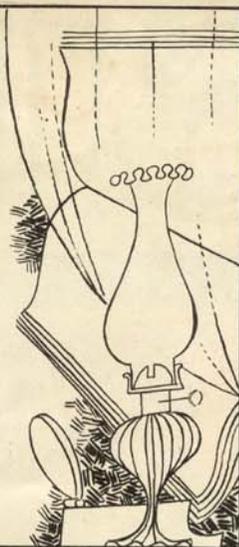
Às vezes, encontramos-nos a perguntar a nós próprios qual será o destino de certos objectos usados. Por exemplo: onde irão parar as lentes dos óculos que deixaram de servir a determinadas pessoas mas que, nem por isso, poderão ser menos úteis a outras?

Vem este «lançamento» a propósito dos livros que os estudantes que passaram agora de ano — muitos parabéns! — vão pôr de lado, na maioria dos casos como absoluta inutilidade. Ora a verdade é que um livro de estudo nunca deixa de ser necessário: para se recapitular uma página quase esquecida, para o irmão mais novo, para um amigo, etc.

Alguns rapazes, porém, com o consentimento dos pais (ou com a ignorância e o desinteresse destes, o que vem a dar na mesma) inutilizam esses livros, deitando-os fora muitas vezes.

Pois era esses livros que nós desejávamos que tivessem outro destino mais belo: continuarem a sua missão de ensinar, como auxiliares preciosos do mestre. Aí fica, portanto, o nosso conselho: se não precisarem já de certos livros (vejam lá bem se não precisam!), entreguem-nos então a qualquer entidade — à Junta da Freguesia, ao pároco, à Mocidade Portuguesa —, para que ela, por seu turno, os faça chegar às mãos de um estudante necessitado. E o livro, assim recuperado, dar-lhes-á, ainda, mais uma e admirável lição: a da nobre fraternidade, a da generosa camaradagem.

*Piloto Clife*



## OS NOSSOS CONCURSOS

VENCEDOR DA SEMANA:

**CARLOS JOSÉ ANDIAS DA SILVA CARVALHO**

Dois volumosos pelotões, um nos 19 pontos, outro nos 10 pontos, tal a nota dominante desta terceira etapa, a contar para a 2.ª MEDALHA DE PRATA!

**Vencedor da semana:** Carlos José Andias da Silva Carvalho, residente na Rua D. Jorge de Lencastre, em Aveiro, que vai receber três livros policiais.

**Melhor definição da Palavra Misteriosa:**

**ROBIN —** «Notável escultor francês, discípulo do animalista Barye e de Carrier-Belleuse; foi o grande precursor da escultura moderna. Algumas esculturas da sua autoria: O Pensador, O Beijo, e bustos de Victor Hugo, Bernard Shaw e Napoleão».

É da concorrente Carminda Nunes Hipólito, de Lisboa, esta definição da Palavra Misteriosa do n.º 7 do «FOGUETÃO».

**Outras classificações:**

### COM 20 PONTOS:

Edgar Fernando Camacho da Rocha, Manuel José Cordeiro Ferro, FCI, Joaquim Fernando Cordeiro Duarte, António Dias de Figueiredo, Mateus Alberto dos Santos Cabrita, Pedro Luis Grilo, António Joaquim A. Diniz, Jacar, Emanuel de Jesus da Cruz, Eugénio Trigo, Carlos Alberto Zany Pampulim Martins Caldeira, Jorge Bau de Sousa, Jorge Magalhães e Carminda Nunes Hipólito.

### COM 19 PONTOS:

Eduardo Manuel Pinto Correia Lobo, Luis Amadeu Barradas Amaral, Pedro Duarte Rodrigues, Fernando Reis Faria, António Carlos Moura Viana Paneiro, Mário Gabriel Bonito, António de Barros Lima Guerreiro, Manuel Mário Correia de Almeida, Carlos Manuel dos Santos Shirley Porrolo, Galhosga, Alberto da Silva Lemos, António José Correia Lopes, José Gaspar, Inspector X, António Manuel Cortez de Miranda, Mister X, Gonçalo José Pires de Carvalho, José Pires Choro de Carvalho, L. H. Ritto, Topa-Tudo, Zé Quim, Mário Oliveira Maria, Little Jo, Francisco José de Mello Rodrigues Victorino, Nuno F. Pires, Guilherme Dinis Moreno da Silva Arroz, António Fernando Marques Ribeiro Reis, Inspector Bias, Luis Fernando Casanova Guerra, Isaura Luisa Simões Cesário, Hermínio da Silva Baptista, António Ernesto S. Correia, Jorge Manuel Carmo, Maria de Fátima de Oliveira Simões, António de Faria Cardoso Lima, António Augusto Tavares Fernandes, Aristipo, Danger Man Júnior, António Alberto dos Santos Ramalho, Magda Bogotte de Figueiredo, Eduardo Jorge de Sousa Calhau, Inspector Arcadievitch, Pedro Laranjeira, José Manuel Veloso

### COM 18 PONTOS:

Falcão, Preston, Vitor Manuel Lourenço, Detective Trolaró, Orlando da Fonseca Cabrinha, José Joaquim Borges Barreto, Evaristo de Oliveira Ferreira, Vitor Manuel Farinha de Sena, Joaquim António Clímaco Pereira da Silva, Rui Carlos Correia Vieira, Fernando Lima Simões, Fausto Gomes Ramos, Himalaya e Forca.

### COM 17 PONTOS:

Eduardo Mário de Sousa Pereira e Manuel Ferro Meneses.

### COM 16 PONTOS:

João Duarte de Almeida Vicente, António Fernando Pradique Ribeiro, Paulo Martins Lino Torres, Manuel Jacinto Palma Nobre, Joaquim Rui de Sá Dias, José Manuel Castelo Branco, Francisco Santos, Zé e Berta e João Luís Martins de Matos.

### COM 15 PONTOS:

Carlos Augusto Marques Pinto.

### COM 10 PONTOS:

João Manuel Branco Lisboa, Carlos Branco Lisboa, Luis Artur de Moura Torres Fontes, Lena, José Teixeira Vieira, Henrique Estrelinha Martins Conde, José Augusto dos Santos Lomba, Somar, Luis Manuel Carvalho Costa, Gabriel Mendes, Almorávidas, Amélia Resende, José Manuel Fanha Vicente, Davide Castro Dias, Inspector Dinamite, João José Anacleto, Rui Moniz, Inspector Marte, José Maria Santos de Oliveira Machado, Celso José Marques da Costa, António Luis da Costa Correia, Geb, Pedro Mário Freitas Marques, Manuel Ferreira da Silva Peixoto, Rogério Eloi da Silva, Miguel Andrade Tavares Silva, Amândio António Cruz, José Alberto Pereira da Silva, Octaviano José da Silva Vieira, Arnaldo Jorge de Paiva da Cruz Costa, De Factus, Manuel Joaquim Fernandes de Barros, José Manuel de Oliveira, Carlos Fernando Carvalho, António Manuel Rodrigues, José Manuel Mendes Barroso, Fernando Calado dos Santos, João Manuel das Neves Azevedo, Gabriel Jorge Mendonça de Moura Leite, António José Portela Duarte e José de Oliveira Soares.

À frente, com 59 pontos, FCI e Jacar. Luta renhida entre dois grandes, o último dos quais detentor já da primeira Medalha de Prata do «Fogueteo»!

Na próxima semana: resultados dos concursos do n.º 8.

e a  
T  
E  
R  
R  
A

Não brinquemos! O caso é sério. O homem cresce e multiplica-se num ritmo cada vez mais acelerado. De dez milhões de seres humanos que se contavam sobre a Terra antes dos sumérios, passámos a mais de dois bilhões e meio! E, se a coisa assim continua, é quase certo que a nossa velha Terra um belo dia proteste, perante a impossibilidade material de albergar tanta gente.

Claro que isto não o dizemos nós à toa, baseados em curiosidades de almanaque. Dizem-no os maiores cientistas do nosso tempo, não para nos

assustarem, mas para que tomemos as nossas precauções e vamos pensando em procurar casa noutros planetas. Dizem-no os senhores Heinz Von Foerster e Harrison Brown, ambos cientistas e ambos americanos, embora pelo nome o primeiro o não pareça. Damos-lhes, portanto, a palavra. Eles explicarão a coisa melhor do que nós.

—o—

Admitamos que a Humanidade continua a crescer como faz actualmente. Se ela conseguir inventar métodos que lhe permitam alimentar convenientemente toda a sua gente, se evitar as mortandades atómicas ou das chamadas armas clássicas, então um dia virá em que a Terra ficará coberta, literalmente coberta de gente. Cada decímetro quadrado estará ocupado pelas plantas dos pés de um homem e bastarão alguns novos nascimentos para desencadear a catástrofe. Esse momento em que o número de seres se confundirá com o infinito e conduzirá ao esmagamento da raça humana sob o seu próprio peso, será justamente terça-feira 13 de Novembro de 2026!!

Nada de sustos antecipados! Claro que tal data simboliza apenas a iminência do perigo e não deve ser tomada à letra. Trata-se do chamado «cálculo pelo absurdo». Aliás, este apocalipse antecipadamente marcado com o rigorismo de um relógio de ponto tem qualquer coisa de grotesco que não se assemelha nada a um crepúsculo digno dos homens.

A verdade insofismável é que — como já dissemos — nos últimos 7000 anos o número de seres humanos que povoam a Terra passou de dez milhões a mais de dois bilhões e meio.

Se, entretanto, não tivesse havido tremendas epidemias, guerras devastadoras, se as doenças endémicas não tivessem feito regularmente a sua aparição, se não fossem todos esses flagelos que em pequena ou grande escala aniquilam o homem, então o total dos descendentes dos homens do ano 5000 antes de Cristo seria agora verdadeiramente fantástico.

Sabe-se hoje qual é o número de

seres humanos que a Terra pode alimentar e suportar. E tal número não é infinito, longe disso! Os dez milhões de homens antes dos sumérios eram o maior número possível para uma raça que, para se alimentar, dispunha apenas dos produtos naturais da Terra, frutos selvagens, raízes e caça. Com os progressos da cultura podemos pensar que uma sociedade não industrial se arranjaria de forma a alimentar convenientemente cinco bilhões de habitantes.

Mas a Humanidade já ultrapassou esse estágio da sua evolução, antes de atingir aquele número fatídico. Se o homem se resignar a viver apertado contra o seu próximo, a abandonar a sua torre de marfim em troca de uma promiscuidade bastante assustadora, então tendo em conta os progressos dietéticos realizados e os que hão-de realizar-se, o globo terrestre poderá alimentar 50 bilhões de seres humanos.

Mas... espaço para toda essa gente? Será talvez preciso construir ilhas flutuantes onde os terrestres empilhados cultivarão algas para comer, com a mesma prosaica satisfação com que nós cultivamos alfalfa no nosso quintal.

Mas... se a Humanidade continuar a crescer em número? Em tal caso, poder-se-á ainda pensar que, reduzindo ao máximo os gastos de energia, as actividades físicas, o homem médio terá necessidade de menos calorias. Se assim for, a Terra poderá abrigar 200 bilhões de homens, desde que estes estejam muito quietinhos nas suas poltronas. Para fazerem o quê? Isso agora... Para jogarem o xadrez e pouco mais. A não ser que, nessa altura, uma grande parte da Humanidade tenha ido já colonizar Vénus, Marte ou Plutão... O que, no fim de contas, vem provar que a conquista do espaço não é uma coisa tão gratuita como à primeira vista parece. Pelo contrário: é ela a grande e última possibilidade que o homem tem de sobreviver.

Pobre globo e pobre Humanidade, que aborrecimentos e que inimigos os espreitam! Mas enfim, consolo-nos com a ideia — bastante egoísta... — de que já não será nos nossos dias. Porque a tal data de 13 de Novembro de 2026 não é rigorosa... Valha-nos isso!

dirá aos homens:  
BASTA, NÃO POSSO MAIS!



## Aqui RADIO-FOGUETÃO

### HOMENS CÉLEBRES

ENTRE os homens célebres que muito contribuíram para o progresso da rádio, conta-se J. A. Fleming.

Fleming nasceu em Lancaster em 1849 e faleceu quase com um século, em 1945. Frequentou as Universidades de Londres e Cambridge, entrando depois na British Edison Company onde se dedicou aos problemas da lâmpada incandescente, que nessa altura começava a fazer a sua aparição em todo o mundo. Um dos problemas que se lhe deparavam era o do enegrecimento da lâmpada como consequência da vaporização do filamento de carvão que actuava como corpo incandescente.

Durante o decurso das suas experiências, fez uma interessante descoberta: cobrindo parte do interior da lâmpada com uma folha fina de estanho, observou que, ao ligar aquela folha ao polo positivo da fonte de energia do filamento, produzia-se a passagem de

uma corrente eléctrica, desde este através do vácuo da lâmpada. Ligando o polo negativo, deixava de verificar-se o fenómeno.

Naquela altura, era este fenómeno completamente novo e Fleming considerou-o de tal importância que se dedicou a estudá-lo profundamente. Entretanto, não supôs que seriam aquelas experiências que lhe dariam a solução de outro problema: a construção dum detector de rádio de recepção de muita eficácia.

Quando em 1899 foi nomeado assistente técnico da companhia de telegrafia fundada por Marconi, achou-se em frente deste novo problema. Em 1901, conseguiu Marconi estabelecer a primeira união transoceânica entre Padua e Newfoundland por meio da telegrafia sem fios. O componente mais próximo e mais importante da instalação receptora era o detector, um dispositivo que rectificava os débil sinais captados

pela antena e os fazia audíveis nos auscultadores.

Ao princípio, Fleming encaminhou os seus esforços até à obtenção de um detector químico, mas com um resultado pouco satisfatório. Entretanto, em 1904 recordou as suas investigações no terreno da lâmpada incandescente e do «efeito Edison» construindo um detector baseado no mencionado efeito. Tratava-se de uma lâmpada incandescente provida, além de um filamento, dum folha de estanho no seu interior, dispositivo que desde o primeiro instante do seu funcionamento se revelou como o detector seguro e constante que durante anos se havia procurado em vão. Este diodo primitivo, cuja enorme aplicação nem sequer Fleming podia sonhar, tornou realidade a aparição e o desenvolvimento de um novo ramo da ciência: a Radiotécnica. Desde a primeira válvula, construída em Novembro de 1904, até hoje, tem surgido uma enorme família.

Os descendentes de Fleming adquiriram tal importância na vida actual com tal invento, que difícil é pensar o que seria a sociedade de nossos dias sem ele. A telefonia, a televisão, os diagnósticos e tratamentos de raios X, assim como muitos outros inventos, seriam impossíveis sem as válvulas electrónicas.

**FOGUETÃO**  
SEMANÁRIO JUVENIL  
DIRECTOR: ADOLFO SIMÕES MULLER  
Editor: M. M. Motta Cardoso — Propriedade da E. N. P. — Redacção e Administração: Avenida da Liberdade, 266 — Composto e Impresso nas oficinas gráficas do Anuário Comercial de Portugal

Secção a cargo de «Rádio Escoltas» (R. Fernando Lopes, 8 — Lisboa)



# O ENIGMA CHINÊS

Romance de YVES DUVAL  
Ilustrações de EDOUARD AIDANS

UM GRANDE ROMANCE DE MISTÉRIO E AVENTURA

## O IATE NEGRO

Dançando sobre as ondas, a canoa-autômetro dirigiu-se para o largo. Apertados lado a lado, em frente dos homens que os guardavam, os três prisioneiros viam afastar-se as últimas luzes da cidade adormecida. A brisa marítima tornara-se demasiado fresca e o velho sábio não pôde impedir-se de estremecer.

— Tem frio, Prof. Bramberger! — perguntou um dos «gangsters». — Ponha este casaco pelas costas. O vento do golfo é falso, mesmo no Verão.

O físico era, evidentemente, considerado um hóspede de categoria e beneficiava de um tratamento de favor.

Havia já um momento que o barquito fendia as ondas, quando Buster Webb avistou uma massa sombria e alongada que se baloiçava perto. Era um grande iate de recreio, todo pintado de negro. Recortava no horizonte o seu perfil aristocrático e, lá em cima, no alto da escada de quebra-costas, o sinistro Li-Fang esperava os seus «convidados». De braços cruzados e rosto impassível, um clarão diabólico brilhava nos seus olhos enfiados.

— Façam o favor de conduzir estes senhores às instalações que lhes estão destinadas.

Bramberger foi colocado num camarote pequeno mas confortável. Vernon e Webb viram-se empurrados para uma espécie de cela, mesmo ao lado. Lá dentro apenas dois bancos e uma mesa que podia fechar-se por meio de dobradiças. A um canto jazia um homenzinho de cabelos grisalhos. Era John Forester, o gangster arrependido que telefonara a Buster

Vernon acocorara-se e batia misteriosamente na parede.

— Espantoso! — exclamou ao fim de alguns minutos. — Ele responde! Já calculava que o sábio como Bramberger não teria esquecido o alfabeto Morse.

Agora, pequenas pancadas secas alternavam com arranhões na parede, correspondendo aos sons breves e aos longos, segundo o velho método da telegrafia sem fios utilizado por todos os prisioneiros do mundo. Por fim, Bill Vernon ergueu-se.

— Compreendeu-me! — disse — Se aparecer alguém, fará o impossível para o mandar para cá. Depois será conosco. É a nossa única probabilidade de salvação. Diabo! Já era tempo! Oíço passos. Anda, Buster! Grita, canta, faz barulho...

Enquanto Buster Webb perguntava a si próprio se ele não teria enlouquecido, Vernon entoava a plenos pulmões um estribilho popular, ao mesmo tempo que dava socos na parede. Sem

a seguir-nos. É a sua última probabilidade de sair daqui ou... de morrer como um homem!

— Mas... Onde querem ir? — balbuciou o gangster arrependido, batendo os dentes.

— Libertar o professor e apoderarmos-nos do iate! — lançou ousadamente Buster Webb.

NA PRÓXIMA SEMANA:  
**RISO AMARELO**



— A caminho, comandante! — gritou para a ponte.

Depois voltando-se para os três prisioneiros: — Professor, creia que lamento ter tido que o tratar assim! Mas a sua sensacional invenção interessa enormemente o meu governo. Naturalmente ter-nos-íamos contentado com os micro-filmes. Mas estes dois cavalheiros, ao levarem-nos, obrigaram-me a apoderar-me do cérebro genial que concebeu tais cálculos e tão notáveis planos...

— Esquece-se de que sou cidadão americano, senhor — respondeu Bramberger — e de que prestei juramento de fidelidade ao meu país. Nunca entregarei os meus trabalhos a uma potência estrangeira.

— Não se preocupe com tais escrúpulos, professor! Em breve mudará de opinião a tal respeito, vai ver... Possuímos três poderosos meios de persuasão...

— Li-Fang, você é odioso! — exclamou Webb — Pare de intimidar cordadamente um velho sem defesa!

— Quanto a si, meu rapaz, e a si também, comissário Vernon, a vossa indiscreta curiosidade não me deixa a possibilidade de escolher. Se bem que à minha natureza repugnem violências, a verdade é que os senhores sabem demais... Exactamente como sabem trair do Forester que há dois dias os espera lá em baixo, no porão, antes de partilhar a vossa sorte. Assim que sairmos das águas territoriais, trataremos dos senhores.

Depois, sem deixar o seu tom de gelada cortesia, Li-Fang dirigiu-se aos marinheiros:

ter a propósito do ídolo de Igor. Parecia esgotado. Pensamente fez aos dois recém-chegados a narrativa das suas atribulações, do seu rapto depois da última visita que fizera ao dr. Rossetti, do seu transporte em camioneta até Jacksonville, onde fora lançado para o porão do iate. E ali estava havia quarenta e oito horas sem comer!

— Que pensa da nossa situação presente, Vernon? — perguntou Buster, enquanto esfregava com vigor, contra uma aresta da parede de aço, as cordas que lhe prendiam as mãos atrás das costas.

— Para podermos tentar alguma coisa, devíamos começar por estar fora desta gaiola de ferro — disse o polícia — Disponho de uma hora, o máximo. Depois os bandidos abrirão a porta e então... estamos armados.

— Pronto! Já está! — exclamou Buster alegremente — Acabo de rebenatar as minhas cordas. Volte-se, Vernon, para eu o desamarrar...

— Obrigado, meu velho! Mas espere! Acabo de ter uma ideia. É provável que algum guarda vá levar comida ao Prof. Bramberger. Você viu como eles o tratam com todos os cuidados. Ora há bem quatro horas que ele não come...

— É possível. Mas não vejo onde quer chegar.

— A isto! Se o professor, sob um pretexto qualquer, conseguisse mandar-me o seu carcereiro... Tu és homem para o receber, não, Buster? Podíamos talvez dominá-lo, apoderar-nos da chave da porta ao lado e... quem sabe... de uma arma.

— Magnífico! Tem homem! Sem mesmo escutar a resposta,

mesmo compreender, o rapaz imitou-o.

— O professor — murmurou rapidamente Vernon entre dois versos — vai queixar-se de que nós o impedimos de descansar. Admirar-me-ia muito se o seu carcereiro não nos chamar à ordem...

Piscando o olho com ar entendido, para dizer que tinha compreendido a astúcia, Webb apANHOU um dos bancos e, vociferando, foi meter-se no canto à esquerda da porta. Mal acabara de o fazer, quando a porta se abriu.

— Acabem com isso! — gritou a voz terrível de Jim Bratt, cuja figura maciça acabava de encher todo o limiar.

Mas o «gangster» não pôde pronunciar nem mais uma palavra. Buster acabava de lhe abater sobre o crânio o banco de madeira que segurava com as duas mãos. Vernon, que já se pusera em guarda para o acolher com um sólido murro, mal teve tempo de estender os braços para receber o homem desmaiado.

— Sim, senhor, meu rapaz! Quando te metes nas coisas...

— Foi apenas uma carícia... — comentou Webb, trocista, tornando a fechar a porta. — Depressa... Vejamos o que ele traz! Foi uma sorte danada ter sido justamente o Jim Bratt. O tipo traz sempre, pelo menos, duas pistolas. Para si e outra para mim. E carregadinhas, ainda por cima! Agora amordacemo-lo e amarremo-lo bem.

Vernon apanhara o mollio de chaves que Jim Bratt deixara cair.

— Forester — disse — convidou-

## A ESTRELA DA SEMANA



### MARIA DE FÁTIMA BRAVO

Esta é a ficha biográfica de uma das nossas mais populares artistas da canção, da vedeta de «Costureirinha da Sé».

Nome verdadeiro — Maria de Fátima Bravo Santos.  
Idade — 26 anos.  
Data do nascimento — 13 de Maio de 1935.  
Naturalidade — Lagos (Algarve).  
Filha de — Tomé dos Santos e Beatriz Bravo Santos.

O pai, que era sargento do Exército, foi o primeiro a dar pelo jeito que a pequena tinha para cantar. Com cinco anos apenas, pisou o palco pela primeira vez. Mais tarde, já no liceu, tomava sempre parte nas recitas do fim do ano, em que se distinguia, e admirava apaixonadamente as vedetas da canção que por essa época tinham fama: as irmãs Meireles, Maria da Graça, Maria Emília Guinor...

Entretanto, os pais tinham vindo fixar residência em Lisboa e um belo dia a Maria de Fátima ingressou no Centro de Preparação para Artistas de Rádio, dirigido por Mota Pereira. Meses depois surgiu pela primeira vez ao microfone, cantando uma melodia em que evocava a sua terra: «Algarve de Sonho». Talvez então tivesse passado despercebida. Mas isso acontece quase sempre aos que se estream. No entanto o seu valor não tardaria a revelar-se. E, de degrau em degrau, Maria de Fátima pisou o palco na revista, apareceu na TV e... deu-nos, finalmente a célebre canção «Vocês sabem lá», que foi a sua hora da Sabre.

No cinema — todos o sabem — veio-la em «Costureirinha da Sé». E se mais vezes não a vimos, a culpa não é sua nem da grande e dedicada legião dos seus fãs...

A seguir: YUL BRYNNER

## O SOL NEGRO



TEM TRÊS DIAS PARA CUMPRIR A ORDEM. BEM SABE QUE NÃO COSTUMAMOS BRINCAR. ATE SABADO TEM QUE DAR O SEU NOVO ENDESSO A NOSSA AGENCIA NA ALFANDEGA

MAS, EXCELENCIA, NÃO SE ALLUGA UM ARMAMENTO EM MEIA DÚZIA DE HORAS. O NAVIO SO CHEGA A QUINZE...

POSSO ARRANJAR QUALQUER TRÊS DIAS! COISA ATE DOZE E DAR O ENDESSO PARA BORDÉUS.



QUE HA DE NOVO?

EM PRIMEIRO LUGAR, QUE O RESPEITAVEL AMO É O ATAMATO, O HOMEM DO PORSCHE TRATA-O POR "EXCELENCIA". ATAMATO ORDENOU-LHE QUE MUDASSE DE CASA ANTES DA CHEGADA DE UM CERTO NAVIO A BORDÉUS...

TAMBÉM FALARAM NUMA AGENCIA NA ALFANDEGA. NÃO HA OUVIDA QUE SE DEDICAM A QUALQUER TRAFICO. MAS QUAL?



E... E SE PENSASSEMOS NOUTRA COISA, SR. VALENTE? ESTOU CHEIO DE FOME!

JÁ SE TRATA DISSO, SR. JANECA. VAMOS, EXCELENCIA!

SÓ PODE VIR POR ESTRADA. ESPERAMOS POR ELE NA PONTE DE CHARENTON...



E EM PARIS NÃO PODERÁ FUGIR-NOS.

CONTE COMIGO! NÃO O LARGAREI!

E ELE!



EIA, COMO ELE VOA! FELIZMENTE QUE HA OBRAS PARA OS LADOS DA PONTE DE BERCY.

UMA HORA DEPOIS...

AGORA NÃO DEVE IR LONGE. PARECE QUE ESTE BAIRRO LHE É FAMILIAR...



PAROU SEGUIE E ARRUMA DEVGAR.

AGORA VAMOS DORMIR. TENHO UM PLANO PARA AMANHÃ.

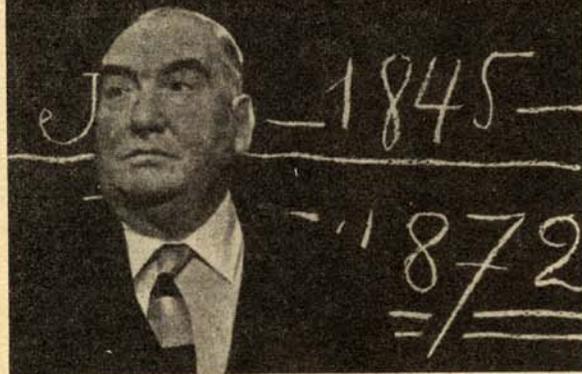


DRING

NÃO É O TELEFONE, É A PORTA...

# O ENIGMA DOS CALCULADORES PRODÍGIOS

QUE DIA FOI  
3 DE JANEIRO DE 1845?  
SEXTA-FEIRA!



ENTRE os mistérios da Natureza que, até hoje, a Ciência não se dignou aprofundar, nenhum é decerto tão perturbador como o dos calculadores prodígio.

Exactamente! Um daqueles raríssimos seres humanos a quem se pode perguntar à queima-roupa:

— Que dia da semana era a 3 de Janeiro de 1845?

E que responderá imediatamente, com o ar mais natural deste mundo:

— Uma sexta-feira.

E o caso é que acertou mesmo!

Como conseguiu o nosso homem fazer tão rapidamente um cálculo cuja dificuldade é tão inegável? Mistério! Nasce-se calculador como — num pólo completamente oposto — se nasce poeta...

De longe em longe — possivelmente algumas dezenas de vezes num século — surge numa família vulgar uma criança que também parece absolutamente vulgar. As primeiras diferenças aparecem por volta dos dois anos, quando o bebé experimenta certa dificuldade em aprender a falar. Não é regra geral, mas pode acontecer, como no caso do belga Oscar Verhaeghe que com a idade de 17 anos, se exprimia como um bebé de 2 anos.

Aos 3 anos, outra característica, esta quase geral: a criança é de uma natureza excepcionalmente sonhadora, passa longos momentos imóvel, com o olhar perdido. Então, se os pais seguem de perto a evolução do filho, começam a descobrir nele o prodígio do dom!

Conta o Prof. Tocquet, no seu livro «O cálculo mental», que um tal Gauss tinha por costume, ao pagar aos seus operários ao fim de semana, acrescentar ao salário o preço das horas extraordinárias, calculado sobre o montante da fêria de cada dia. Ora certa vez, no momento em que acabara os seus cálculos e preparava o dinheiro, o filho, que tinha então três anos e seguia as operações, exclamou:

— Pai, as contas estão erradas.

A soma é esta...

Fez-se de novo a operação e, perante o pasmo geral, descobriu-se que a soma era efectivamente a que o petit indicara!

Mas, quer o prodígio dom se revele cedo ou tarde, o seu aparecimento pode ser comparado a um... cataclismo. Sucede por vezes que o jovem calculador não avance nas outras disciplinas. Mas a verdade é que a paixão dos números faz dele uma espécie de «monstro matemático»!

Bom! E, chegando a este ponto, que caminho segue o calculador? O estudo de vários casos históricos mostra duas evoluções possíveis: ou o dom se aperfeiçoa sem cessar até à extrema velhice (e é essa a regra geral), ou desaparece a pouco e pouco, à medida que o seu possuidor vai recebendo a educação clássica das outras crianças. Foi assim que Ampère se tornou um dos maiores nomes da ciência universal, mas perdendo ao mesmo tempo as aptidões para o cálculo mental que possuía em criança, quando aos 4 anos, sem conhecer as letras nem os algarismos, fazia «de cabeça», longas operações.

Não procuremos desvendar o que é ao certo esse dom, porque nenhuma descrição poderia dar a tal respeito uma ideia exacta. É um daqueles fenómenos de que se poderia dizer: «Só visto...».

Foi o que fez o Dr. Tocquet, entrevistando um calculador francês que nunca usou aliás as suas prodigiosas faculdades a não ser para satisfação pessoal.

O sr. Lidoreau — o calculador a que nos vamos referir — dirige uma empresa artesanal de objectos de couro. Tem 74 anos, é um homem saudável e calmo, com grandes aptidões para o desenho. O tipo do homem sério e reflectido que não pretende de forma alguma enganar o próximo.

Julgando que ia meter o seu interlocutor em apuros, o Prof. Tocquet perguntou-lhe sem preâmbulos:

— Qual é a raíz cúbica de 3.796.416?

O outro olhou-o surpreendido e respondeu:

— 156. Mas isso é muito fácil. Dê-me um número de 16 ou 17 algarismos. É mais interessante...

Mas tal proposta encontrou desarmado o Professor, que preferiu inquirir:

— Que dia da semana era a 20 de Setembro do ano 139?

— Bom! Não é bem o meu género de problema, mas não tem importância. Um momento apenas...

E, após cinco segundos de reflexão, pergunta:

— Não era um sábado?

Sim, era um sábado. (Notemos que no ano 139 não era ainda utilizado o calendário actual, o que complica consideravelmente o problema).

Venciado mas não convencido, o Professor lançou outra pergunta:

— Tenho 41 anos. Quantos dias, horas, minutos e segundos já vivi?

O sr. Lidoreau pegou num papel e escreveu imediatamente os quatro números pedidos, a começar sempre pela esquerda, isto é, terminando pelo algarismo das unidades.

— Espere, vamos tirar a prova.

E tornou a escrever os quatro números, desta vez a começar pelo algarismo das unidades.

— Está certo!

Como conseguiu ele tal resultado e que espécie de prova era a sua? Mistério!

Então, o Professor Tocquet lançou a pergunta que ele julgava a sua grândola final de dificuldades:

— Dado um número de 6 algarismos, decompõe-lo mentalmente em cinco cubos perfeitos e cinco quadrados perfeitos que, adicionados, deem o referido número, aproximado até às milionésimas. As raízes dos cubos e dos quadrados devem compreender, pelo menos, dois algarismos.

O sr. Lidoreau sorriu:

— Diga o número...

— 246.629.

Lidoreau escreveu o número na parte inferior duma folha de papel e deu início aos seus cálculos mentais, espectáculo impressionante durante o qual nem um único movimento do seu corpo denunciava a misteriosa actividade que se desenvolvia no seu pensamento. Conservava-se imóvel, de rosto perfeitamente calmo, os olhos fixos, parecendo contemplar qualquer coisa.

— Bom! Os cubos já estão. Agora vamos aos quadrados.

Um minuto depois anunciava:

— Pronto! Dou-lhe esta solução, mas há muitas outras possíveis. Primeiro, as raízes cúbicas...

E escreveu uns por baixo dos outros os seguintes números:

$35^3$   $43^3$   $48^3$   $20^3$   $17^3$

Pouco depois, Lidoreau dava as cinco raízes quadradas em números simples e compostos.

$20^2$  (2.449489700)<sup>2</sup>  
 $16^2$  (5.477225580)<sup>2</sup>  
 $(7.071067800)^2$

— Aqui tem! — exclamou. — Proponha-me o número 246.629, aproximado até às milionésimas. Eis a minha solução. 246.628,999999676809266400

É o número que obterá somando todos esses cubos e quadrados.

E o calculador lançou ao papel uma chuva de algarismos, enquanto dizia:

— Pode verificar se está certo.

$35^3 = 42.875$   
 $43^3 = 79.507$   
 $48^3 = 110.592$   
 $20^3 = 8.000$   
 $17^3 = 4.913$   
 $20^2 = 400$   
 $16^2 = 256$

$2.449489700^2 = 5.999999790406090$   
 $5.477225580^2 = 30.00000054206336400$   
 $7.071067800^2 = 49.999998321968400$   
 $246.628,999999676809266400$

O Prof. Tocquet ficou, como se calcula, literalmente petrificado. Está fatigado? — perguntou ao calculador.

— Nada! — respondeu este, rindo — Quer outra experiência?

— Não! Não, por amor de Deus! Mas como explica que estes cálculos tão laboriosos não o fiquem?

— Mas eu não explico nada, meu caro senhor! É assim, porque é assim! Diga-me uma coisa: a contemplação de uma paisagem fatiga-o? Quando muito, se a paisagem for feia ou monótona, pode aborrecê-lo. Pois para mim os algarismos e os números repetem-se sem cessar, indefinidamente. Vejo-os em branco sobre fundo negro. Olhe: suponha que os números são para mim como

uma roçada de pardais. Quando esses pardais poísam, tenho a solução.

O Prof. Tocquet quis depois saber em que idade começou o sr. Lidoreau a fazer os seus cálculos.

— Com cerca de três anos, quando ainda não sabia ler nem escrever.

— E sabia contar?

— Não, não sabia contar. É extraordinário, eu próprio não compreendo, mas juro-lhe que, durante um ano ou talvez dois, calculei sem saber contar. Comecei a tornar-me tímido. Na escola chamavam-me «o sonhador». A verdade é que eu podia e posso, enquanto resolvo um problema, pensar noutra coisa...

O Professor Tocquet abriu muito os olhos, estupefacto:

— Pode pensar em várias coisas ao mesmo tempo?

— Ouça! — disse então o calculador. — Suponha o senhor que está vendo um espectáculo. Olha na sua frente, mas nada o impede de pensar noutra coisa, de ouvir, de sentir. Pois comigo e com os meus cálculos, dá-se o mesmo. Vejo-os como quem vê um espectáculo, mas isso não me impede de pensar noutras coisas...

Espantoso tudo isto! Mas façamos agora um breve resumo de quanto se sabe acerca dos calculadores prodígio.

1.º — O caso é verdadeiramente excepcional, mas pode surgir em qualquer país, em qualquer raça, em homens ou mulheres.

2.º — Embora, geralmente, o dom não seja hereditário, conhecem-se famílias de calculadores, como por exemplo a de um certo Bidder, que transmitiu o dom a filhos e netos. Um irmão e uma irmã de Pérics Diamondi — outro célebre calculador — tinham as mesmas aptidões do que este.

3.º — O dom aparece quase sempre ao fundar a primeira infância, antes da criança ter recebido qualquer espécie de instrução. Essa instrução seria aliás impossível na grande maioria dos casos: família inculca, crianças abandonadas, etc. Em muitos casos, o dom surge acompanhado de deficiências físicas. Inaudi tinha os olhos ligeiramente enviados; Zerah Colburn tinha seis dedos nas mãos e nos pés; Prolegue nasceu sem braços, nem pernas, etc, etc.

4.º — Tem-se afirmado — aliás sem provas — que os calculadores são deficientes mentais. Não estaremos antes em presença do homem de amanhã, o último produto, o *homo sapiens*?

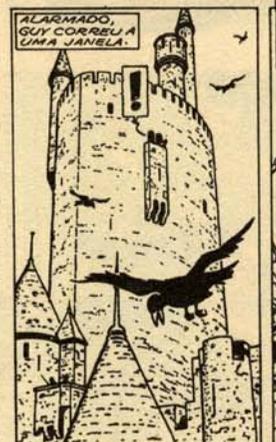
E deixemos aqui o problema apenas esboçado, caros amigos. É tempo que os psicólogos o abordem com todo o respeito, toda a modéstia e também toda a curiosidade que ele requer.

Quanto a nós, acharíamos muito interessante que os nossos leitores nos comunicassem qualquer caso português de calculador prodígio do seu conhecimento, que deve haver, com certeza.

E se quiserem, soberbamente e tiverem paciência, entretêm-nos a verificar se os cálculos de sr. Lidoreau estão certos...

## A ARMADILHA DIABÓLICA

POR E. P. JACOBS



CONTINUA NAS PÁGS. CENTRAIS





**VEDETAS DE QUATRO PATAS**

(Continuação das páginas centrais)

Ao lado destas actores-amadores há os animais de circo, muito menos interessantes, porque dão sempre a impressão de estar na pista fazendo o seu número.

Quando foi preciso um macaco para «Sem Família», o realizador André Michel alugou... a macaca Chita a um célebre domador. Pois o bicho, cheio de manias e de exigências, como toda a vedeta que se preza, deu que fazer aos cineastas.

Certo dia em que filmavam na floresta de Rambouillet meteu-se-lhe na cabeça subir ao pinheiro mais alto que encontrou. O grupo esperou horas e horas que lhe apeteceesse descer. Quando se decidiu, era noite fechada.

No final do filme — lembram-se? — o macaquinho devia morrer na sua cama. Deram um supurifer para a Chita para a adormecer. Um veterinário calculou sábiamente a dose que convinha. Estava previsto que Chita adormeceria às cinco horas da tarde. Ora eram seis horas e ainda ela dançava em cima da cama, às oito voltava-se de um lado para o outro; às onze continuava de olhos abertos. Toda a gente andava em palmilhas de meias para não enervar Sua Excelência. Era uma hora da madrugada quando Chita se resolveu a fechar os olhos. E só então foi possível filmar a cena da morte.

Em geral, ao fim de alguns dias de filmagem os cineastas conhecem os melhores meios de se fazerem obedecer pelas «vedetas de quatro patas». Mas, de qualquer forma, a violência e a brutalidade não figuram entre esses meios.

A maior parte das vezes é pela gulo-

dice que se obtém de tais actores as melhores expressões.

Gocha, um urso que trabalhou no filme francês «O Urso», era doido por mel. Para o fazerem abrir uma porta, colocavam por trás dela um boião de mel... Gocha abria a porta com todo o desembaraço.

Evidentemente, nem todos os animais são comediantes muito doces. O seu humor é bastante variável e está dependente do clima, de uma variação de temperatura ou do estado de saúde.

E, para terminar, deixem que lhes contemos como foi que no filme o «Peixinho Vermelho», de Edmond Séchan foi possível dar a ilusão de que o peixe dançava ao som dos trilos de um canário.

Para realizar a cena, utilizou-se a repulção que os peixes têm em seguir os movimentos da água em que se encontram. Se lhe virarem de repente o aquário — sem que a água se entorne, bem entendido — o peixe tenta manter-se direito. Imaginou-se pois construir um dispositivo onde estavam fixados o aquário (hermeticamente fechado por uma tampa invisível) e a câmara de filmar. O dispositivo girava, a câmara e o aquário giravam também e o peixe esforçava-se por conservar a mesma posição, dando assim a impressão de se virar, torcer e ficar de barriga para o ar. Quando na montagem se acrescentou a estas imagens o canto do canário, o peixinho vermelho pareceu dançar ao som da música...

Como vimos, estas «vedetas» podem ser tão interessantes no «écran» como as Sofias Lorens ou os Elvis Presley. Sômente com eles, os bichos, é preciso ter um bocadinho mais de paciência. Ou talvez não...

**FALEMOS AGORA DE QUADRADOS MÁGICOS**



resultado. Naturalmente que o homem, sempre inclinado a atribuir a causas misteriosas as coisas que não compreende, deu a tais quadrados uma auréola de magia. Os antigos consagraram mesmo a Saturno o quadrado dividido em nove casas e atribuíam-lhe notáveis efeitos.

Como se calcula, quanto maior for o número de casas em que se divide o quadrado, mais difícil será obter a soma desejada. Pode, no entanto, ser feito com 16 ou mesmo com 25 casas. Albert Dürer — que foi um célebre pintor e gravador alemão (1471-1528) — representou na sua gravura «Melancolia» um quadrado mágico contendo todos os números de 1 a 16, no qual a soma é sempre 34.

Mas este célebre quadrado encerra ainda muitas particularidades invulgares. Por exemplo: se se dividir o quadrado grande em quatro outros quadrados de quatro casas cada um, a soma dessas casas continua a ser 34. Se se fizer o mesmo com as casas do quadrado do meio (10, 11, 6, 7) obtém-se 34. Os números que figuram nos quatro cantos do quadrado grande (16, 13, 4, 1) somam 34; os números restantes, em cima e em baixo (3, 2, 15, 14), dão 34, e 34 somam igualmente os números que ficam dos lados (5, 9, 8, 12).

|    |    |    |    |
|----|----|----|----|
| 16 | 3  | 2  | 13 |
| 5  | 10 | 11 | 8  |
| 9  | 6  | 7  | 12 |
| 4  | 15 | 14 | 1  |

Se considerarmos outros grupos de números colocados simetricamente — por exemplo: 16 e 3 em cima e 14 e 1 em baixo... Já terenos os 34 O mesmo acontecerá somando verticalmente 16 e 5 em cima, 12 e 1 em baixo... 34 no total!

Estão admirados? Pois mais admirados ficarão quando souberem que os dois números do meio da fila inferior — 15 e 14 — dão, quando lidos juntos, o ano de realização daquela estampa do artista e o da morte de sua mãe.

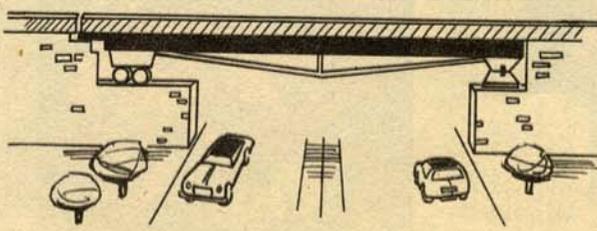
Entretenham-se a verificar o que acima lhes contámos. Não ficam por aqui, no entanto, os casos de números mágicos. E nós prometemos voltar qualquer dia ao assunto, que vale a pena, hein?

|   |   |   |
|---|---|---|
| 4 | 3 | 8 |
| 9 | 5 | 1 |
| 2 | 7 | 6 |

Mas, isto é apenas uma amostra. Porque é possível fazer uma série de outras combinações e obter o mesmo



**AS PONTES TAMBÉM SE DILATAM**



Assim mesmo! Como qualquer outro corpo, as pontes também se dilatam sob a acção do calor. A diferença de temperatura do verão para o inverno é — em certos países — de 40 a 50 graus. A fim de permitir que o material empregado na ponte se dilate ou encolha, não se fixam as duas extremidades dos arcos. Uma dessas extremidades é definitivamente fixada; a outra repousa livremente sobre um rolo cilíndrico e, assim, a ponte tem... pano para mangas... ou seja possibilidade de estender e encolher.

# CLUBE DO MISTÉRIO



## APRENDA A SER DETECTIVE



Prosseguindo na nossa série de apontamentos que visa a fazer dos «membros» do nosso «CLUBE DO MISTÉRIO» autênticos detectives amadores, surge nesta página alguma coisa sobre «TIPOS DE BOCAS» e RETRATO FALADO.

É evidente que para descrever um indivíduo não se pode utilizar uma linguagem comum, corrente.

ALPHONSE BERTILLON, o famoso criminologista francês, imaginou um processo de descrição para identificar criminosos a distância sistema que teve a aprovação dos serviços de identificação e dos laboratórios policiais.

Para isso, criou um código à base de letras, iniciais, que simbolizam e simplificam as descrições a distância.

Por exemplo, aplicadas as iniciais ao caso das bocas que apresentamos hoje:

G: significa grande  
M: significa médio  
P: significa pequeno

Para indicar «muito grande» ou «muito pequeno», basta sublinhar respectivamente o G ou o P.

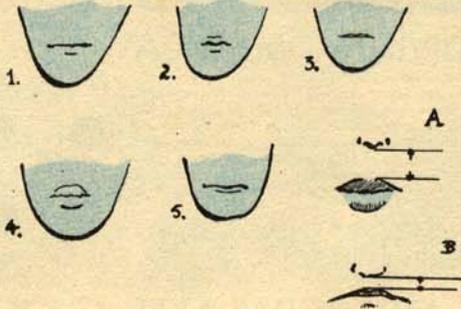
«Relativamente pouco grande» é exemplificado por um (G) e o mesmo se faz para o «pouco pequeno» (P).

Na escala decrescente de tamanhos, temos assim:

G; G; (G); M; (P); P; P

Ou seja:

Muito grande; Grande, Pouco grande;



Média; Pouco pequena; Pequena e Muito Pequena.

Assim encontramos, como exemplo de muito grande, talvez a n.º 5; grande a n.º 1, pequena a n.º 2.

A classificação atribuída aos números como tipos de boca a identificar é, no entanto, a seguinte:

- N.º 1 Boca grande ou mesmo muito grande, rasgada
- N.º 2 Pequena e vulgar.
- N.º 3 Estreita, de lábios finos
- N.º 4 Redonda de lábios grossos
- N.º 5 Grande e de lábios finos

As figuras A e B servem para mostrar os dois tipos de região supra-labial, consoante a sua altura em relação à base do nariz e ao lábio superior.

A grande  
B pequena

Também se pode chamar a esta

região vaso-labial, dividindo-se em GRANDE, MÉDIA E PEQUENA.

Reparem, que além dos tipos principais de bocas que aparecem desenhadas neste Caderno de Apontamentos do CLUBE DO MISTÉRIO, devemos considerar ainda outras particularidades que podem ajudar, pela boca, no reconhecimento dum suspeito.

A boca pode ser de: lábios rachados; aberta, de comisuras \* baixas, comisuras altas, como uma só das comisuras alta ou baixa (indicando-se qual quando se pretenda identificar o suspeito); oblíqua à direita ou à esquerda; em formato de coração; de lábios carnudos, com dentes incisivos a descoberto; ou incisivos salientes, etc.

Fixem os nossos «Sherlocks» muito bem todas estas particularidades e guardem os restantes apontamentos deste «Caderno».

\* Comisuras Linha de junção, abertura

## QUEM É O DETECTIVE?

Que «nasceu» em 1927, tem cara comprida, usa lunetas de aro de ouro, sobrecasaca abotoada justa, botas de bico quadrado, gravata larga de ná no peito, colarinho alto à Gladstone e guarda-chuva, muito enroladinho, estilo bengala. Tem um conhecimento profundo do «bas-fond» londrino e orelhas enormes.

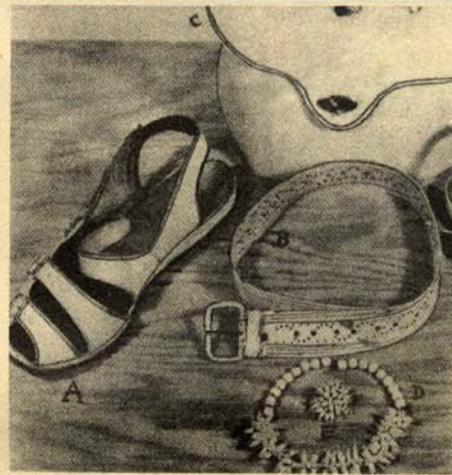
SOLUÇÃO: — MR. JOHN G. REIDER Criação de Edgar Wallace

## HITCHCOK

Uma infinidade de vezes fui instado a dar uma receita para uma história de «suspenso». E é simples: tome-se uma mão cheia de crimes tenebrosos, uma generosa pitada de psicandlise e um pouco de surrealismo. Cozinhese em fogo lento e sirva-se ainda quente. Os resultados serão ótimos e satisfarão o mais exigente paladar. Para aqueles que gostam de coisas estranhas, usem-se elementos paradoxais ou intrigantes. Uma luva, por exemplo, apesar de ser um objecto comum, poderá parecer completamente deslocada numa certa situação. E este contraste correrá para prender a atenção dos «clientes».



## TESTE DE MEMÓRIA



(A LONGO PRAZO)

Na próxima semana, verificarão porque chamamos a este teste... a longo prazo. Hoje, apenas para recreio do espé-

rito e raciocínio, ele terá funções de simples teste de memória.

Observem a ilustração durante 30 segundos e respondam depois às perguntas que publicamos invertidas.

Que objecto é representado pela letra A? B pela C? E pela D e E? Que objecto representa as letras D e E?

## O OVO DE PÁScoa ENVENENADO

ENIGMA NÚMERO 12



Carlos Lobane morreu em sábado de Páscoa. Eram 12,20 h. O Comissário Esteves almoçava nesse dia comigo. Havia excelentes linguados para o almoço e estávamos a regalar-nos com eles quando o telefone tocou.

Fui atender. Era Lúcio Lobane, do jornal «Relâmpago». Falava com voz entrecortada:

— Oiça! Aconteceu uma coisa terrí-

vel. Você conhece o meu primo Carlos? É medonho... Morreu! Pode vir imediatamente?

Eu conhecia há anos Lúcio Lobane, que tinha várias secções no jornal «Relâmpago», designadamente a de desportos. Respondi-lhe que ia imediatamente com o Comissário Esteves.

—

Foi o próprio Lúcio Lobane quem nos abriu a porta. Estava muito pálido.

— Sigam-me! — murmurou.

Estendido no chão, no escritório, fomos encontrar seu primo Carlos. Morto!

Chamado imediatamente o médico — legista, este declarou que a morte fora causada por envenenamento. A análise provou que Carlos Lobane comera um ovo de chocolate contendo cianuro de potássio. Quem lhe oferecera o ovo? Aparentemente, as suspeitas podiam recair sobre as duas pessoas que tinham interesse na morte do Carlos, visto que ambas beneficiavam igualmente do seu testamento. Essas duas pessoas eram Lúcio, seu primo e Sílvia, prima de ambos. Moravam os três na mesma casa. Interrogada, Sílvia declarou:

— Costumo levantar-me muito tarde e, em geral, nunca via o Carlos antes do almoço. Hoje ia para descer quando ouvi os gritos de Lúcio...

O Comissário voltou-se para o jornalista.

— Foi o senhor que descobriu o corpo?

— Sim! — respondeu Lúcio — Voltei do jornal, fui bater à porta do escritório e descobri...

Não acabou. Estava comovido.

Ao passar revista ao gabinete, encontrei sobre a mesa um exemplar do «Relâmpago», com a data daquele dia.

— O meu primo era assinante — explicou Lúcio — Recebia o jornal todos os dias às 8 da manhã.

Abri o jornal. Na página dos passatempos havia um problema de palavras cruzadas que alguém resolvera a lápis, em caracteres de imprensa. Lúcio abanou a cabeça.

— Pobre Carlos! — exclamou ele — Era a primeira coisa que fazia todos as manhãs: as palavras cruzadas de que eu sou autor. Gostava muito de me mostrar a solução à hora do almoço...

— Lúcio — perguntei eu — a que horas saiu hoje de casa?

— Depois das oito. Nesse momento ainda o Carlos estava vivo. Vi-o quando

foi buscar o jornal à caixa do correio. Depois sai para o meu serviço, onde cheguei às 8,30 h. Até ao meia dia não saí da sala da redacção. Foi a essa hora que voltei a casa para almoçar.

Lúcio dizia a verdade, e as suas palavras foram confirmadas por vários redactores.

— Quanto tempo é preciso para resolver um problema de palavras cruzadas? — perguntou o Comissário.

— Carlos estava habituado a fazê-las e levava, ainda assim, uma boa hora. Não é verdade Sílvia?

— Com efeito...

— Visto que Carlos teve tempo para acabar as palavras cruzadas — prosseguiu o Comissário — é porque foi morto depois das 9,15 h.

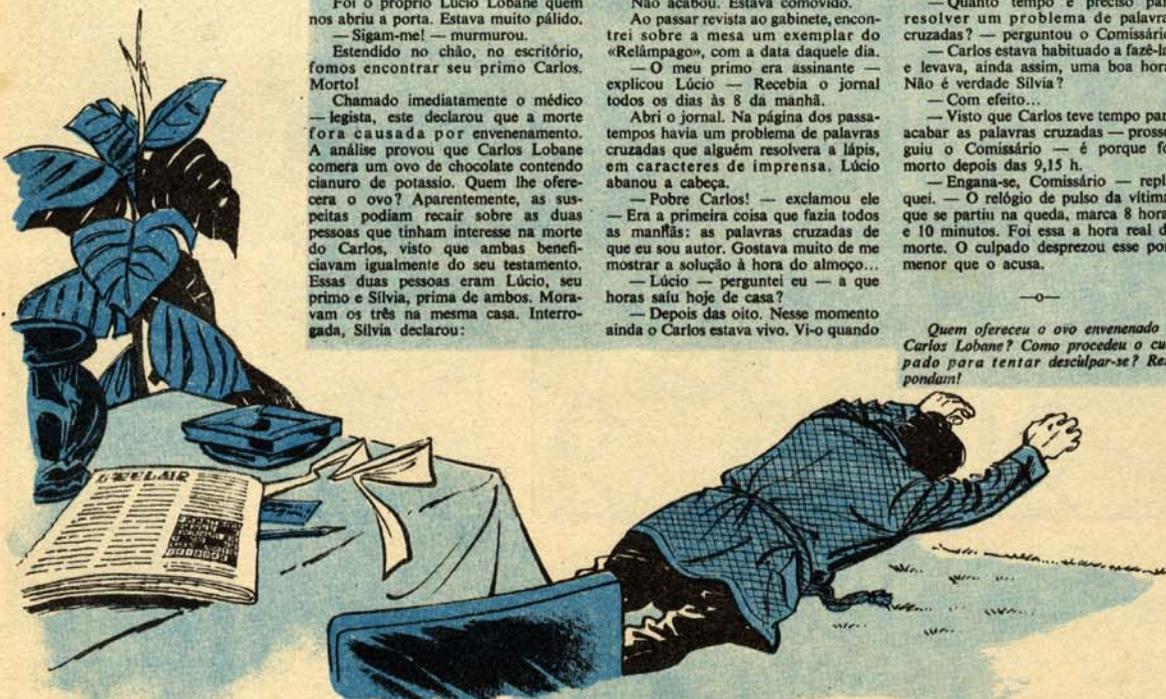
— Engana-se, Comissário — repliquei. — O relógio de pulso da vítima, que se partiu na queda, marca 8 horas e 10 minutos. Foi essa a hora real da morte. O culpado desprezou esse pormenor que o acusa.

Quem ofereceu o ovo envenenado a Carlos Lobane? Como procedeu o culpado para tentar desculpar-se? Respondam!

## BURLA NO CASINO

(Solução do número anterior)

O rosto do pretense conde estava completamente e uniformemente bronzeado pelo Sol. Se ele tivesse rapado a barba na véspera, como pretendia, o queixo e as faces apresentariam uma superfície mais pálida nos pontos onde a barba cobria a pele. Portanto, mentira. Era um impostor.



**APRENDA RADIO TELEVISÃO**

PEÇA O FOLHETO GRÁTIS E ILUSTRADO JUNTAMENTE ESCOLA DO GINÁSIO DO PAÍS E RETORNI LEMBRADA

**RADIO ESCOLA**

Director: Álvaro Torreão

Apertado 81 - N. R. Fernando Lopez, 8 - LISBOA

Telef. 43136



# PASSATEMPOS



## À PROCURA DE UMA PALAVRA

12



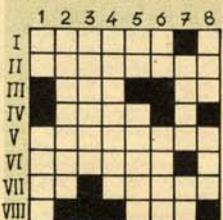
**Horizontais:** 1 — Traje uniforme; queda. 2 — Gostar muito; assinalar. 3 — Nota musical (pl) Pareiro; Base Aérea Portuguesa. 4 — Aspecto; ...X... aragem. 5 — Pouco vulgar; o principal compartimento de uma casa. 6 — Apêndice metálico de algumas armas, para dirigir a pontaria; vestuário de mulher. 7 — Bosque; carta de jogar. 8 — Alumínio (simb. quim.); macaco; pedestal. 9 — Habitação grande porção; oceano. 10 — Amar muito; fluxo e refluxo periódico das águas do mar. 11 — Trechos musicais para serem executados por uma só pessoa; melão pequeno e arredondado.

**Verticais:** 1 — Discursar; projecteis com que se carregam armas de fogo. 2 — Desejaram; parte direita ou esquerda de qualquer coisa. 3 — Chefe etíope; víscera dupla; lista. 4 — Doutor (abrev.); semblantes; letra grega. 5 — Nome de letra; disparos arma de fogo. 6 — Ruins; paixão. 7 — Manuscritos fechados, com endereço; caminhar. 8 — Viração; com asas; forma do pronome pessoal. 9 — Levanta; dama de companhia; doença. 10 — Indicação do tempo em que se realizou algum facto; acção de amparar. 11 — Ave trapalhosa, semelhante ao papagaio; que vive no ar.

## SOLUÇÃO DO N.º ANTERIOR



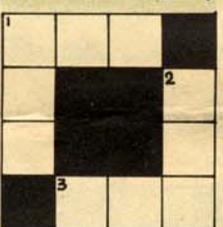
## MOTS CROISÉS



**HORIZONTAIS:**  
I — Capital de um país europeu.  
II — Acrobata.  
III — Interjeição; campeão.  
IV — Casa de madeira, na Rússia.  
V — Alsaciano.  
VI — Cheia.  
VII — Nota musical; filósofo grego.  
VIII — Água.

**VERTICAIS:**  
1 — Minha; áspero.  
2 — Aquiles.  
3 — Erige.  
4 — Cidade da França.  
5 — Ave pernalta (metade da palavra); acne.  
6 — Data (mela palavra); vitória de Napoleão.  
7 — Tejo; conjunção.  
8 — Artigo; não.

## CROSSWORDS



**HORIZONTAIS:**  
1 — MALA  
3 — SOL

**VERTICAIS:**  
1 — CAMA  
2 — LATA

## por artes mágicas

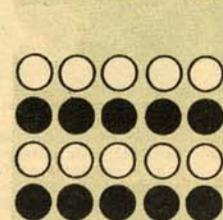
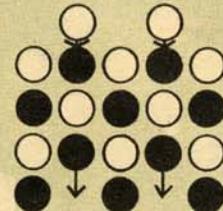
### UMA ADIVINHA MÁGICA

A adivinha mágica que hoje vamos oferecer-lhes, faz-se com vinte marcas de plástico ou mesmo de cartolina, dez de cada cor. Também se pode efectuar — à falta de melhor — com duas séries de moedas de tamanho

aproximado: por exemplo: moedas de \$20 e de \$50 centavos. Coloquem as vinte marcas em quatro filas de cinco, alternando as cores, como indica o nosso desenho. Trata-se de conseguir que cada fila horizontal fique de

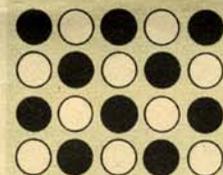
uma única cor, isto é, que a fila do alto se componha de cinco marcas brancas, a segunda de cinco marcas pretas, a terceira de cinco brancas e a última, a do baixo, de cinco marcas pretas.

Como se faz essa mudança? Movimentando apenas duas marcas! E como vamos conseguir tal milagre?



É o que tentaremos explicar, principalmente por meio do desenho, que dirá muito mais que as palavras.

Para obter o resultado requerido, bastará deslocar a 2.ª e a 4.ª marca da fila horizontal do baixo e colocá-las por cima das 2.ª e 4.ª marcas da fila horizontal do alto. Empurrando estas duas marcas no sentido vertical, como indicam as flechas do desenho, fazemos descer para a fila inferior a segunda e a quarta fila de marcas, o que dá como resultado tornar as filas horizontais de cor uniforme.



A explicação assim dada, poderá parecer confusa. Mas não há nada como a prática para tornar as coisas claras. Por isso, treinem-se a resolver o problema e verão como lhes parece simples.

## SOLUÇÕES

### MOTS CROISÉS CROSSWORDS



### AVENTURAS DA PRESSÃO DO AR

Enchem um copo de água até às bordas (fig. 1). Coloquem-lhe em cima um retângulo de cartolina (fig. 2). Peguem no copo com a mão direita e pousem a mão esquerda sobre a cartolina, apoiando ligeiramente (fig. 3). Com um movimento rápido, voltem o copo (fig. 4) e... a água não se entornará!

Bom! Pelo sim, pelo não, é melhor fazerem a experiência em sitio onde não cause dano. Não queremos complicações...



por Henrique Monteiro

**Sobrecargas:** São todas aquelas palavras que foram apostas sobre selos, dando-lhes um novo destino, como selos de correio ordinário que passaram para porteados, assistência, etc; que os revelamos; ou por qualquer razão, que determinado momento lhes impõe.

Exemplos:



**Sobretaxas:** São novos valores que se apõem sobre selos em emissões e assim as revelamos. Presentemente, usa-se pouco este processo. As emissões sucedem-se sem necessidade das sobretaxas ou sobretaxas, das quais muitos filatelistas fogem por serem muito facilmente falsificadas. Sobretaxas ou sobretaxas antigas, requerem um perito que lhes dê foros de autenticidade, tomando toda a responsabilidade do seu parecer.

Exemplos:



A propósito de uma carta que recebemos pedindo-nos para esclarecer qual a percentagem de desvalorização aplicada a um selo com charneira, nós diremos que não há qualquer desvalorização, pois cada filatelia coleciona à sua maneira, com ou sem charneira. O selo tem o mesmo valor.

Não esqueçamos que a maioria dos selos que andam pelas actuais colecções vieram de velhos conjuntos, de quando se não usavam charneiras, e faziam uso de obreias e das margens gomadas das folhas de selos, cortadas em pequenas pedações. Só mais tarde vieram as charneiras. São selos que hoje giram de colecção para colecção, sempre com sinais de charneira ou mesmo com ela inteira, aproveitada.

Os selos novos sem charneira encontram-se nas modernas emissões, precisamente na altura em que se começou a usar as tiras e pôr de parte a charneira.

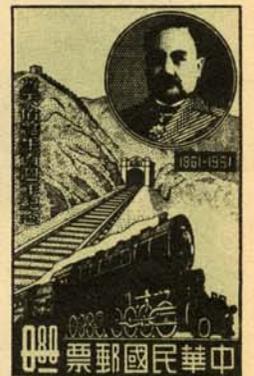
Assim, já se fala que para estes selos modernos, os catálogos virão a adoptar, num próximo futuro, três colunas de preços, a saber:

1.ª coluna — novos sem charneira; 2.ª coluna — novos com sinal de charneira; 3.ª coluna — usados.

Nestes catálogos, haverá já diferença de preços para essas modernas emissões. Mas nunca serão aplicadas desvalorizações para selos antigos, que raramente se encontram sem charneira.

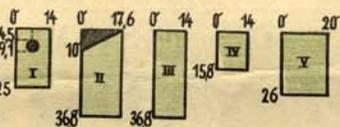
### NOVIDADES

CHINA — FORMOSA



Comemora o centenário do nascimento de Chan-Tien-Yu, engenheiro que construiu o caminho de ferro de Peiping-Kalgan.

## UMA ENGENHOCA PARA OS AMIGOS DAS AVES



Embora o nosso país não seja de clima muito rigoroso, a verdade é que, em chegando o Inverno, as aves sofrem com o frio, a chuva e as geadas nocturnas. Juntemos a isto a falta de alimentos e aí temos essas nossas minúsculas amigas em dificuldades.

Quem disponha de um quintal com árvores, ou mesmo de uma simples varanda, pode construir este abrigo que será muito apreciado por aqueles a quem se destina.

Quaisquer pedaços de tábuas servem para o efeito. Com um pouco de paciência e habilidade, em pouco tempo ficará pronto o abrigo. A tampa é móvel — presa por dobradiças — e no interior da caixa deve haver sempre grãos à disposição das avezinhas, que entrarão e sairão livremente pelo orifício da frente.



### A CEIFA

Bonito quadro da vida campestre, hem? O pior é que o desenhador, ao tentar copiar a cena, cometeu vários erros. Assim, entre o quadrado da esquerda e o da direita há, pelo menos, 8 diferenças. Vamos descobri-las?

### SOLUÇÃO:

1. Fita do chapéu do homem que está em cima do carro; 2. calças do homem que dorme no outro carro; 3. nuvem à esquerda; 4. flor à direita; 5. flores no cesto da rapariga; 6. quadrados no vestido da outra rapariga; 7. algarifa no collete do cafeeiro; 8. o ancinho sobre o carro em marcha.



## A HISTÓRIA EXTRAORDINÁRIA DAS DILIGÊNCIAS DO FAR WEST

Em princípios do século passado, o governo dos Estados Unidos encontrou-se perante um grave problema: o de estabelecer as comunicações através do imenso território da jovem República. Era preciso a todo o preço manter as relações entre o Este e os pioneiros que iam levar a civilização ao Oeste, o lendário Far West. Isso representava enormes distâncias a franquear, através de regiões selvagens, povoadas por tribos índias hostis e por bandidos, os «desperados», cujos feitos sanguinários se tinham tornado célebres.

É certo que já por essa época existiam caravanas de pesados carros que percorriam as famosas pistas de Santa Fé ou do Oregon. As costas californianas eram reabastecidas por navios que passavam para lá do Cabo Horn. Mas tudo isso era muito longe e muitíssimo incerto.

Foi um emigrante francês, Francisco Xavier Aubruy, quem realizou a primeira ligação rápida entre Santa Fé e Independence, no Missouri. Habitualmente, eram precisas três semanas para franquear os 1300 quilómetros que separavam as duas cidades. Em 1852, Aubruy cobriu a distância em oito dias, mudando de cavalo nas estações de posta, galopando sem cessar, não repousando sequer. No ano seguinte, melhorou o seu «recordo», percorrendo a mesma distância em cinco dias e meio!

### UM SALOON, UM RESTAURANTE E UM BANCO

Esta proeza chamou a atenção de Henri Wells e de William F. Fargo. Os dois homens tinham criado uma empresa, a «Wells-Fargo», estabelecendo Bancos em todo o território dos Estados Unidos. Assim que uma cidade surgia do solo, os três primeiros edifícios construídos eram um saloon, um restaurante e um Banco Wells-Fargo. As transferências de ouro confiadas ao Banco eram asseguradas por barco ou confiadas às raras empresas privadas de transportes, como por exemplo, a de Ben Halladay.

Os «records» de Aubruy deram a Wells e a Fargo a ideia de fundarem

uma companhia privada de transportes rápidos.

Em breve as diligências, utilizadas principalmente para o transporte de ouro e de valores bancários, também aceitavam passageiros, à razão de seis por diligência. Tais viagens eram autênticas epopeias, o seu conforto muito relativo e os maus encontros frequentes. Os bandidos atacavam as diligências, atraídos pelas somas fabulosas que estas transportavam nos seus cofres de ferro e os índios disparavam flechas sobre os temerários que atravessavam os seus territórios de caça.

O condutor, a quem chamavam o «rei da pista», vestia calças escuras, de risquinhas, camisa clara, grande gravata e casaco escuro. Calçava botas de couro cuidadosamente engraixadas e chapéu claro. O regulamento a que os condutores estavam submetidos eram muito severo: proibição de beber e de falar durante as horas de trabalho. Aqui para nós; assim que a etapa findava, os «reis da pista» desforravam-se!...

O condutor ia sempre acompanhado por um ajudante que, armado de carabina Winchester, estava encarregado de proteger a diligência dos ataques surgidos pelo caminho. Muitas vezes, porém, as diligências caíam em emboscadas e não chegavam a porto de salvação. Perante a audácia sempre crescente dos salteadores, a companhia Wells Fargo tomou uma decisão heroica e organizou o seu próprio serviço de polícia. As diligências ocuparam um lugar importante na história do Far West e eriam mais tarde imortalizadas pelo livro e pelo cinema.

Novas empresas de transportes se estabeleceram então. Houve a Butterfield Overland Mail, que empregava 750 homens, entre os quais 150 condutores, 100 carros, 2000 cavalos e 500 mulas. As diligências desta companhia, fundada em 1858, por John Butterfield, percorriam o Missouri, o Alabama, a Califórnia e o Texas. A Overland Stage Company, que pertencia a Ben Halladay, entrou em serviço em 1862. Ligando o Kansas à Califórnia, a Overland Stage Company dispunha de 150 estações de muda, algumas delas com pousada para os viajantes.

A Sociedade Wells-Fargo comprou esta companhia em 1866.

Os corajosos viajantes que tomavam as diligências pagavam bem cara a passagem. Tinham direito a 8 quilos de bagagens e esportulavam um dólar por cada 450 gramas suplementares.

William Russel, Alexandre Mayars, e William Bradford Waddell, directores de uma das mais importantes companhias de transportes do Oeste, decidiram criar um serviço acelerado para correspondência. E assim nasceu em 1860 o célebre «Pony Express».

### A BÍBLIA E OS COLTS

A ideia era simples: tratava-se de renovar diariamente a proeza realizada pelo precursor: Francisco Xavier Aubruy. Os correios, que mudavam de montada nos postos previamente estabelecidos, deviam cobrir num tempo mínimo o máximo de distância. Para isso eram precisos homens corajosos, resistentes,

excelentes cavaleiros. A linha foi inaugurada a 3 de Abril de 1860 entre S. José, no Missouri e Sacramento, na Califórnia. A cada etapa os correios a cavalo encontravam numerosos entusiastas que, para conservar uma recordação daquela primeira viagem, chegavam a arrancar as crinas às montadas.

A princípio, os homens do Pony Express usavam camisa vermelha, calças azuis e chapéu cor de pão torrado. Mas esse traje foi rapidamente transformado, e todos adoptaram o casaco de couro franjado e calças vulgares. Levavam consigo uma Bíblia, dois Colts, um punhal, uma carabina Winchester e uma trompa para avisarem os chefes dos postos da sua chegada. Pouco a pouco este incómodo arsenal foi aligeirado; começou-se por suprimir a trompa, que se ouvia menos ao longe do que o galope dos cavalos.

As cartas deviam ser escritas em papel fino e metidas em sobrescritos de seda. As malas do correio, fabricadas pelo melhor e mais hábil seleiro do Missouri, eram atravessadas na sela, de forma a poderem ser rapidamente transferidas para o cavalo que esperava na estação de muda.

As mudas espalhavam-se ao longo da pista, muitas vezes em locais desertos, o que as punha à mercê dos ataques dos índios e dos «desperados». Muitos postos de muda foram saqueados e incendiados e os seus chefes assassinados.

Para exercer a sua perigosa profissão os correios ganhavam 120 a 150 dólares por mês. A essa remuneração, importante para a época, acrescentava-se um

enorme prestígio. Buffalo Bill, Wild Bill Hickok, Bob Halsam, foram mensageiros do Pony Express. E as suas proezas que deram brado nos Estados Unidos, ainda hoje são lembradas.

### O FIM DE UMA EPOPEIA

Entretanto, com o rodar dos anos, o telégrafo começou a estender-se para o Oeste. Pensava-se em estabelecer uma linha que ligasse Fort Kearney, no Nebraska, a Sacramento, na Califórnia. Mas os postes erguidos na pradaria eram arrancados pelos índios. A Companhia Western Union, subvencionada pelo Governo, decidiu então acelerar os trabalhos. Montou-se uma linha eléctrica e o primeiro «Pele-Vermelha que lhe tocou apanhou tal choque que nunca mais nenhum se atreveu a tal. E, embora com alguns incidentes, o telégrafo foi montado.

Em fins de Outubro de 1861 estava feita a ligação entre Nova Iorque e S. Francisco. O primeiro telegrama expedido era redigido nos seguintes termos: «O Pacífico e o Atlântico saúdam-se».

Essas poucas palavras foram o dobrar a finados do Pony Express que, a partir de então, seria inútil. Foi suprimido daí a meses. Pouco depois entrava em serviço o comboio transcontinental, que punha fim ao transporte de passageiros em diligências.

Assim terminava, prosaicamente, nos Estados Unidos, o período heroico dos pioneiros.



## UMA DILIGÊNCIA DA WELLS FARGO

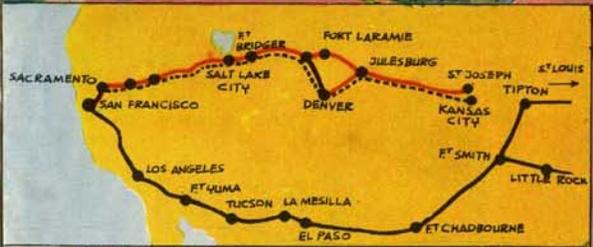
- 1. Conductor, responsável pela diligência. — 2. Guarda para assegurar a protecção. — 3. Galeria porta-bagagens. — 4. Caixa para bagagens. — 5. Portinhola. — 6. Cabina podendo conter seis passageiros. — 7. Estore. — 8. Lanterna. — 9. Estribo da frente. — 10. Alavanca do travão. — 11. Timão. — 12. Coelheira com rédeas. — 13. Focinheira. — 14. Estribo para os passageiros.

## UM MENSAGEIRO DO PONY EXPRESS

- 15. Correo a cavalo. — 16. Rédea simplificada. — 17. Lenço para proteger da poeira. — 18. Buckskin: casaco de couro franjado. — 19. Sacos para o correio pendentes de cada lado da sela.



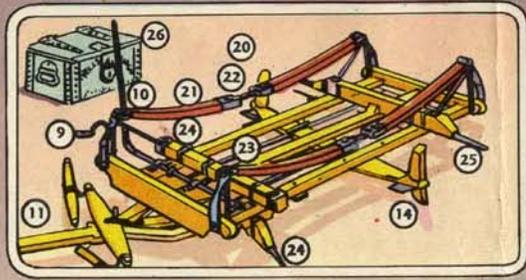
L. Martin.



----- BUTTERFIELD LINES, ligou Kansas City a Sacramento (Califórnia), desde 1862.  
 — PONY EXPRESS, criado em 1860 entre São José (Missuri) e Sacramento (Califórnia).  
 — OVERLAND MAIL, assegurou em 1866 o serviço entre Saint-Louis (Missuri) e El Paso (Texas). Foi mais tarde prolongada até São Francisco.

## EQUIPAMENTO DE UMA DILIGÊNCIA DA WELLS FARGO

- 20. Chassis. — 21. Tiras de couro assegurando a suspensão. — 22. Extensores das correias. — 23. Barra de transmissão do freio. — 24. Fuso da retaguarda. — 26. Cofre blindado e com cadeado para transportar o correio e os objectos de valor.



## EQUIPAMENTO DE UM MENSAGEIRO DO PONY EXPRESS

- 27. Chapéu de copa lisa. — 28. Bíblia (obrigatória). — 29. Revolver Colt. — 30. Faca modelo Bowie. — 31. Sacos amovíveis podendo cobrir (32) a sela especial. — 33. Ventrilho. — Estribo de madeira coberto de couro.

